

FRAGMENTOS QUE FAZEM DIFERENÇA: NARRATIVAS INDÍGENAS NA RECONSTRUÇÃO DO PASSADO E NA REVITALIZAÇÃO CULTURAL

Walaphy Douglas dos Santos¹

Já faz um bom tempo que Walter Benjamin descreveu em suas teses sobre o conceito de História, as feições daquele que identificou como sendo o anjo da história. São as feições de um anjo em um quadro de Paul Klee, chamado *Angelus Novus*, que, com olhos escancarados, boca dilatada e asas abertas, tem seu rosto voltado para o passado, parecendo querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Do passado, em vez de uma cadeia de acontecimentos linearmente construídos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se às suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-la. Esta tempestade o impede irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Esta tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIM, 1985, p. 226).

Nesse horizonte, motivado pelas leituras sobre o conceito de história em Walter Benjamin, este ensaio aborda as narrativas indígenas na reconstrução do passado e das identidades étnicas que se ouvem entre os grupos envolvidos em um processo de revitalização cultural na comunidade Balatiponé-Umutina, na cidade de Barra do Bugres, Estado de Mato Grosso.

Contudo, repensar este passado, pensando nas histórias dos indígenas coloca-nos frente a pelo menos, duas situações. Por um lado, enquanto entre os indígenas observamos forte mobilização na reconstrução de um passado que reafirma origens étnicas, que se expressa especialmente em suas longas e ricas narrativas, por outro lado, da perspectiva da história oficial, há uma ausência lamentável de registros e estudos sobre esses processos que acometeram os indígenas na região, apesar de muitos deles terem sido declarados extintos tão logo a colonização se efetivou.

Neste sentido, o presente texto é um exercício inicial visando pensar as narrativas orais de uma construção do passado que reascende no atual processo de reafirmação étnica, as quais começam a ser introduzidas nas investigações sobre esse processo, como uma forma de ajudar a entender o passado que os indígenas buscam reafirmar. Para começar, apresento, no item seguinte, parte de uma narrativa ouvida do indígena Leo Corezomae, como ele pede para ser identificado, na qual relata como foi se construindo esta nova percepção do passado que os levaram a reafirmar suas origens étnicas.

Mas a história estava dentro deles...

A narrativa a seguir foi desenvolvida no ano de 2020, quando comecei a desenvolver meu projeto de mestrado, onde fiz uma entrevista com o então vereador Leo Corezomae, indígena Umutina, da comunidade de Balatiponé localizada no Município de Barra do Bugres-MT.

Leo é uma das lideranças da comunidade Balatiponé, que se tornou o primeiro vereador indígena do estado que atua no movimento indígena regional. Ele é bastante atuante também nas atividades de busca das suas raízes históricas; preocupa-se em resgatar a história de sua família, de suas origens étnicas e culturais de seu povo.

Apesar da versão sobre o desaparecimento da língua Umutina ainda no século XVIII predominando a língua portuguesa, esses indígenas tem a literatura como um ato de mobilização cultural e política para a reafirmação desta identidade. Esta mobilização indica a persistência e a força do sentimento étnico não obstante a sua historiografia lhe negasse qualquer forma de existência que pudesse ter sobrevivido. E buscar entender as tramas que asseguram a continuidade destes sentimentos e sua força de mobilização, que impele estes indígenas a reorganizarem-se política e culturalmente reafirmando antigas tradições e identidades.

O fragmento da narrativa do indígena Lenon, aqui selecionado, não objetiva traçar no momento uma análise semelhante, que desconstrua e ressalte uma visão da história. Este fragmento visa antes ilustrar e ressaltar a importância que estas narrativas apresentam para a compreensão da história indígena no Brasil, a ser desenvolvida em trabalhos se-

guintes. Também tem o objetivo de salientar a sua importância instigando uma leitura do conceito de história em Walter Benjamin para pensar o passado que se encontra disperso nestas narrativas que ouvia dos indígenas, e refletir sobre os significados do trabalho de reconstrução deste passado. Assim, a narrativa do indígena Leo principiou quando lhe pedi que contasse sobre o momento inicial do movimento de reafirmação das identidades indígenas que foi vivenciado em sua comunidade. Ele começou explicando:

Estava eu, que naquele tempo nós estávamos aqui no início da formação da Associação da nossa Comunidade, da Comunidade de Umutina. Aí veio a Irmã Manoela e a Floriene pra dar o esclarecimento, que elas ficaram sabendo que tinha uma morada de pessoas que tinha origem da língua marcoje. As pessoas sabiam que suas origens era Umutina, a gente tinha uma identidade que era dos Balatiponé, mas não tinha esclarecimento do que vinha realmente ser uma origem dessa etnia, Aí que foi esclarecido que vem de origem de uma etnia, de uma tribo indígena que há muito tempo já viveu e vive na região. Aí que fomos falando, a gente foi socializando este conhecimento. (Lenon, 2020)

Como citado acima na fala do indígena Lenon é possível ver que essa comunidade passa por um processo de conhecimento do passado e da revitalização da sua própria história, assim buscando não somente conhecer seu passado como também uma busca da sua própria identidade.

Porque naquela época, muitos anos atrás, muitas décadas atrás, eles tinham medo de dizer que era índio, porque eles eram opri-

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT), Câmpus de Tangará da Serra-MT. E-mail: walaphy.douglas@unemat.br

midos. Eles tinham medo de dizer que era indígena porque já tinha todo um princípio histórico de opressão dos europeus, da guerra, de muita guerra; entendeu? Porque na época, quem era índio na beirada aqui, o exército vinha e pegava pra levar pra guerra, e aqueles que não queriam ir pra guerra morriam, e fugiam; e aqueles que não morriam, eram escravizados, e eram mortos. Daí que começou a história, o relato que nós começamos a se identificar com aquela história, com o relato que eles, os mais velhos, estavam contando ali, que estava vindo à tona de onde que nós vínhamos, que nós já tinha uma identidade, e que ainda tinha, indígena Umutina. Foi assim que nós começamos a entender que tínhamos essas raízes muito forte, que a nossa avó já dizia que era. Porque a minha bisavó sempre dizia pra minha mãe que naquela época não podia dizer que era índio porque muitos eram mortos. Era por isso que eles já existiam lá no começo, se escondiam. Mas eles escondiam uma história dentro deles. Com medo de opressão escondiam esta história; mas a história estava dentro deles, continuava dentro deles. (Lenon, 2020).

O impacto da perspectiva sobre a história traçada por Benjamin, através de suas elaboradas imagens dialéticas, para repensar o passado e sua produção de conhecimento se reafirma no constantemente renovado debate acerca de suas teses, sobre o conceito de História, mais comumente referidas como teses – Gagnebin (2009) e Muricy (2009) –, Haddock-Lobo (2004); Otte e Volpe (2000); Rouanet (1985). Como estes autores destacam, a concepção de história que Benjamin traz em discussão, juntando-se a sua obra maior, repudia pretensões totalizantes, de visão linear, universal, perspectivada por vencedores. Operou, neste sentido, deslocamentos cruciais

no eixo do pensamento histórico ao denunciar o autoritarismo e a violência dos discursos dominantes, travestidos, na concepção tradicional de história, sob o nome de progresso, assim como inovou ao dar voz àqueles que haviam sido silenciados, deixados de lado. Em tais deslocamentos, vislumbra-se uma concepção de história que renega construções sequenciais de acontecimentos, que aparecem em evolução contínua, como se alimentadas por um motor constantemente acelerando para o futuro. Renega, assim, a visão tradicional de história construída estabelecendo nexos causais e subordinando o presente e o passado a uma meta de futuro.

Assim, em sua concepção, Benjamin contrapõe-se às ideologias progressistas, responsáveis por uma visão sequencialmente linear de história, e propõe uma postura historiográfica que assumisse uma atitude descontínua, fragmentada de leitura, que se realizasse tal como em um trabalho de restauração. Postura esta que reflete sua percepção de passado e da construção do olhar sobre ele: para Benjamin, o passado está presente nas ruínas (OTTE; VOLPE, 2000, p. 40), encontra-se disperso entre fragmentos, em estilhaços de algo que foi anteriormente inteiro. A sua apreensão, desse modo, por entre cacos de memória, somente seria possível se realizada de forma também fragmentada, descontínua, inacabada, tal como estes se encontram espalhados. É dessa perspectiva fragmentária que Benjamin assinala para o progresso a tempestade, com sua visão linear da história, impedindo o anjo de juntar os pedaços e fazendo o passado parecer uma catástrofe perpétua. Contudo, não é o passado que é essa catástrofe, mas a nossa visão linear da história, pois é a própria linearidade, enquanto pressuposição de uma postura progressista, que impossibilita que se juntem os fragmentos (ibid., p. 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, depois de um longo silêncio sobre os indígenas na região, parecendo despertar de um longo sono, este movimento de reelaboração étnica e cultural está trazendo um novo pensar sobre o seu passado histórico, que se conforma tanto para os próprios indígenas, quanto para a academia. Aquele passado, pensado como irreversivelmente perdido, sem volta, reinsere-se novamente em cena, revelando-se, como Muricy (2009) assinalava, em construções de sentidos que se entrecruzam com as urgências do presente. É, portanto, da urgência do presente, do atual movimento de reafirmação das identidades étnicas, que o passado indígena começa a ser reconstruído. Entre os indígenas é, especialmente, através das suas narrativas orais que podemos observar este trabalho de resgate dos pedaços, dos fragmentos, que estes grupos empreendem para a reconstrução do seu passado indígena, para recompor aquilo que consideram que um dia foi inteiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rita H. **O Diretório dos Índios**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- ARRUTI, José Maurício A. **A Emergência dos remanescentes**: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 3(2): 7-38, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: Obras Escolhidas, Volume I**: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. **Walter Benjamin e**

Michel Foucault: a importância ética do deslocamento para uma Outra História. *Comum*, Rio de Janeiro, 9 (22):56-75, 2004.

LANGDON, E. Jean. Dialogicidade, Conflito e Memória na Etno-História dos Sionas. In: F. Fischman e L. Hartmann (Orgs.), **Donos da Palavra**: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul. Santa Maria: Editora UFSM, p. 17-39, 2007.

MURICY, Katia. **Alegorias Dialéticas**: imagens e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Naua Editora, 2009.

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lúcia. Um olhar sobre o pensamento de Walter Benjamin. **Fragmentos**, 18(1): 35-47, 2000.

O COMBATE

TODOS OS MESES NO SITE PPGEL

LINK: <https://ppgel.unemat.com.br/o-combate>

Jornal "O Combate"

Expediente

O Combate é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

Direção geral: Helvio Moraes

Equipe editorial: Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chieregatto

Colaborador deste número: Walaphy Douglas dos Santos

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

Contato: jornalcombateppgel@gmail.com

